



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol XXVI, número 2, jul-dez, 2021, pág. 310-320.

## **INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Aroldo Lopes Góya

### **Resumo**

Em geral, a educação inclusiva tem sido objeto de muito debate ao longo dos anos. A educação física é, de maneira especial, parte essencial e foco imediato dessas discussões. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é realizar uma reanálise de alguns dos importantes estudos realizados nos últimos anos que trazem considerações importantes sobre como os profissionais de educação física veem o processo. Após uma análise detalhada, percebemos que esses especialistas têm consciência da importância da Educação Física para os alunos com deficiência. Ao mesmo tempo, porém, não se sentem preparados para isso, alegando que existe uma grande distância entre o discurso teórico e a realidade prática. Como sugestões, indicam a necessidade de inclusão de temas mais específicos para inserção na formação acadêmica, bem como de apoio a profissionais especializados que auxiliarão em suas atividades práticas.

**Palavras-chave:** Educação Física, Educação inclusiva, Inclusão social;

### **Abstract**

In general, inclusive education has been the subject of much debate over the years. Physical education is, in a special way, an essential part and an immediate focus referred to. In this sense, the objective of this article is to carry out a reanalysis of some of the important studies carried out in the years that bring important considerations on how physical education professionals see the process. After a detailed analysis, we realized that these specialists are aware of the importance of Physical Education for students with disabilities. At the same time, however, they do not feel prepared for this, claiming that there is a great distance between theoretical discourse and practical reality. As suggestions, they need the need to include more specific topics for inclusion in academic training, as well as support for specialized professionals who will assist in their practical activities.

**Keywords:** Physical Education, Inclusive Education, Social Inclusion;

### **Introdução**

Vivemos um período de transição caracterizado por intensos esforços para cumprir um dos maiores desafios da sociedade: a educação inclusiva. Aliás, esse assunto tem sido objeto de muitos debates, muitas discussões. No



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

entanto, apesar do progresso alcançado, o processo de educação inclusiva continua atolado em um vasto mar de dúvidas e incertezas.

O suporte teórico encontrado não é suficiente para efetivamente praticar a integração no ambiente escolar.

A educação física também desempenha um papel significativo na concretização desse processo. No entanto, como outras disciplinas, ainda enfrenta muitas dificuldades e não está totalmente preparado para este tipo de situação.

Desta forma, mergulhamos numa realidade rodeada de dúvidas, ansiedades e questionamentos.

Partindo dessas considerações, o objetivo desse artigo é realizar uma análise levantando algumas questões referentes a prática pedagógica da Educação Física escolar inclusiva, dialogando sobre as possíveis dificuldades que docentes e discentes podem apresentar, bem como também destacando algumas sugestões que possam contribuir para que a educação inclusiva realmente aconteça.

## **2. Inclusão e a Educação Física**

### **2.1 Educação inclusiva**

A educação inclusiva é descrita pelos autores como um processo que passou por inúmeras mudanças ao longo dos anos. Segundo Sasaki, citado por Duarte e Aguiar (2005), esse processo vem ocorrendo desde os anos 80. Para os autores, é a prática de incluir a todos, independentemente de seu talento, deficiência, etnia ou cultura.

Analisando esse processo do ponto de vista histórico, os autores destacam que mudanças importantes já ocorreram. De acordo com Rechineli et al. (2008), pessoas com deficiência vivenciam absurdos reais. Essas pessoas foram completamente desprezadas, destruídas e até eliminadas da sociedade. Eles foram mortos ou simplesmente deixados à própria sorte e deixados à



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mercê de todo tipo de discriminação. Durante este período, a própria Igreja associou deficiência ao pecado.

Essa visão holística e preconceituosa, segundo os mesmos autores, só começou a se modificar no final do século XX e início do século XXI, quando se reconheceu a necessidade do homem olhar para todas as pessoas com apreço, acreditando nas possibilidades e capacidades de cada uma delas. Nessa perspectiva, como fator fundamental neste período, indicam que a quebra do paradigma vigente de exclusão deu lugar à interação e valorização das “pessoas deficientes” na sociedade.

Nesse sentido, é importante destacar que a educação inclusiva se tornou mais visível a partir da Declaração de Salamanca, que mostra avanços importantes na integração de alunos especiais à escola regular. De fato, segundo Hegarty, citado por Rodrigues (2003), este processo pode ser definido precisamente como o desenvolvimento de uma educação adequada e de qualidade para alunos com necessidades especiais em escolas regulares.

No entanto, apesar dos avanços significativos em termos de integração, o tema tem sido objeto de muito debate até hoje. A grande verdade apontada pelos estudos realizados, é que a inclusão de alunos com necessidades especiais nas escolas regulares é um grande desafio do século XXI. Aliás, a educação física como parte do currículo é uma parte significativa desse processo.

### **2.2 Educação Física Inclusiva**

Segundo Rodrigues (2003), a Educação Física não pode permanecer indiferente ou neutra no processo de educação inclusiva. Nesse contexto, pode ser um obstáculo auxiliar ou até mesmo adicional no desenvolvimento, dependendo principalmente de como foi trabalhado.

Mas antes de falar do momento atual, é preciso estudar esse assunto desde uma perspectiva histórica. Rechinelli et al (2008) focaram em diferentes métodos que se tornaram característicos da disciplina ao longo do tempo, e esses métodos estão relacionados à questão da inclusão.



## **Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

De acordo com os autores, na abordagem militar e higienista, a educação física era amplamente propícia à exclusão. Isso porque todos aqueles que não atendessem às normas de normalidade, que tivessem algum tipo de doença ou deficiência física, eram simplesmente proibidos de participar das aulas. Durante a abordagem Tecnicista, a exclusão também foi evidente nas aulas de Educação Física, pois apenas os mais qualificados(habilidosos) foram valorizados.

Portanto, é importante notar que as primeiras propostas de integração emergem apenas da abordagem desenvolvimentista. Esses autores também apontam para outras abordagens (construtivista, crítica-superadora e sistêmica) que, embora de forma limitada, já faziam referência aos princípios da proposta de educação inclusiva em suas teorias. Nesse sentido, a abordagem sistêmica parece ser a primeira a abordar as questões de inclusão, pois aborda o princípio da diversidade e da participação de todos independentemente das diferenças.

Falando da situação atual, Rechinelli et al. (2008) destacam as mudanças ocorridas na LDB e PCN que trazem avanços importantes para facilitar a integração. Para eles, os PCNs parecem ser o primeiro documento oficial que efetivamente propõe o desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para a diversidade, propondo a inclusão por meio da educação física aberta a todos, independentemente de suas diferenças.

Na verdade, os objetivos do PCN na sua maioria carregam vários elementos de promoção da integração, uma vez que o respeito pelo outro, a cooperação e a solidariedade são amplamente valorizadas no seu contexto.

No entanto, independentemente do avanço da legislação sobre educação inclusiva, existe uma grande diferença entre o discurso teórico e a realidade prática. Nesse sentido, os estudos analisados destacam as inúmeras e reais dificuldades que os especialistas encontram para efetivamente colocar em prática esse processo. Eles também destacam algumas vantagens.

Portanto, trataremos de alguns aspectos positivos no início. Uma das vantagens apontadas por Rodrigues (2003) é a flexibilidade contida nos



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

conteúdos sobre os quais atua a Educação Física, segundo o autor, o professor desta disciplina tem maior liberdade em organizá-los, facilitando a sua prática. Outra vantagem apontada pela autora é que os professores de Educação Física são vistos como profissionais que desenvolvem uma atitude mais positiva em relação aos alunos do que os demais professores, gerando, assim, atitudes propícias à integração. O terceiro aspecto destacado é que a educação física possibilita maior participação dos alunos nas aulas, inclusive aqueles que estão com dificuldades.

No entanto, o referido autor também destaca achados importantes sobre os problemas enfrentados também pelos professores de Educação Física. Portanto, referindo-se às atitudes positivas dos profissionais, ele afirma que não existe homogeneidade e que é influenciada por diversos fatores. Nesse sentido, por exemplo, as mulheres, professores mais experientes e conscientes do tipo de deficiência têm uma atitude mais positiva em relação aos outros.

Outro problema destacado pelo autor diz respeito à formação de professores, que raramente inclui aspectos relacionados à educação inclusiva em sua formação acadêmica. As informações sobre deficiência geralmente não existem ou têm pouca, ou nenhuma solução específica para os problemas que podem ser encontrados.

O terceiro problema diz respeito ao número insuficiente de professores auxiliares com formação em educação física. A maioria desses profissionais tem formação em outras áreas, dificultando o auxílio ao professor de educação física quando necessário.

Por fim, Rodrigues (2003) aponta que mesmo as tentativas de inclusão das aulas de educação física acabam sendo exclusivas. Isso porque se desenvolve em uma escola cuja cultura lhe permite excluir aqueles que não atendem aos padrões esperados. Da mesma forma, uma cultura competitiva também pode ser um fator incapacitante, pois apenas os melhores são valorizados, o que resulta em perda de valor para a participação de todos.



## **Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Em estudo semelhante, embora mais detalhado, Aguiar e Duarte (2005) fizeram descobertas importantes sobre o comportamento dos professores de Educação Física e suas respostas às recomendações de educação inclusiva.

O estudo foi realizado com 67 assistentes técnicos de educadores de educação física da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo. Destes, 56,7% possuíam apenas a graduação em educação física e 43,3% possuíam graduação e especialização na área. Ressalta-se também que a maioria dos professores pesquisados (85%) tinha mais de 10 anos de experiência em educação física escolar.

Falando sobre a própria pesquisa, os autores constataram que 82,1% dos participantes afirmaram ter conhecimentos sobre educação especial e educação física adaptada. 62,7% deles disseram ter adquirido conhecimentos durante as palestras; 47,8% em leituras independentes; 38,8% de outras fontes; 29,9% em cursos estendidos; 13,4% na graduação e 7,5% na especialização. Vale lembrar que os professores poderiam ter apontado mais de uma alternativa neste assunto.

Falando sobre a própria pesquisa, os autores constataram que 82,1% dos participantes afirmaram ter conhecimentos sobre educação especial e educação física adaptada. 62,7% deles disseram ter adquirido conhecimentos durante as palestras; 47,8% em leituras independentes; 38,8% de outras fontes; 29,9% em cursos estendidos; 13,4% na graduação e 7,5% na especialização. Vale lembrar que os professores poderiam ter apontado mais de uma alternativa neste assunto.

Os autores apontam ainda que a maioria dos professores pesquisados (62,7%) responderam que não tinham conhecimento suficiente para incluir alunos com deficiência em suas aulas. Isso significa que a maioria não se sente preparada para lidar com essas pessoas. Por outro lado, conforme descrito anteriormente, a maioria dos respondentes afirmou possuir conhecimentos sobre educação especial. Na verdade, esse fato prova mais uma vez o grande abismo que existe entre o discurso teórico e a realidade prática. A grande



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

dificuldade enfrentada pelos profissionais é justamente ter consciência de tudo o que teoricamente estabelece o princípio da inclusão.

Ressalta-se também que, após análise mais detalhada, o autor constatou que não apenas 67% das pessoas não possuem conhecimentos suficientes. Quando os professores perguntaram como incluíam alunos com deficiência na sala de aula, o percentual subiu para 97%. Em outras palavras, apenas 2 dos 67 entrevistados pesquisados estavam satisfeitos. Por exemplo, uma das respostas destacadas é que os professores não devem prestar mais atenção aos alunos com deficiência. No entanto, você deve tratá-lo de forma natural e mostrar-lhe que pode realizar qualquer atividade. A segunda resposta persuasiva é que o professor deve estar ciente das deficiências dos alunos e encontrar formas de se ajustar para que todos possam participar.

Em relação aos requisitos para contribuir para a integração das pessoas com deficiência na Educação Física, os professores propuseram cursos de formação e atualização em integração escolar; adaptação do espaço físico; material didático apropriado; método de ensino adequado e apoio técnico e pedagógico especializado. Aliás, os cursos de reciclagem em larga escala são defendidos pelos autores do estudo, que, em sua opinião, deveriam ser ministrados não apenas por professores que tenham domínio teórico, mas, sobretudo, pela experiência prática em educação inclusiva.

Por fim, a pesquisa mostra que 97% dos entrevistados acreditam que a participação de alunos com deficiência nas aulas de educação física promove a inclusão dos alunos na comunidade escolar, facilitando a socialização, cooperação e aceitação de outros alunos na presença de colegas com deficiência. Assim, os autores destacam que a participação desses alunos no componente programático discutido pode contribuir para a formação de atitudes que se enquadrem no paradigma da educação inclusiva. Entre as atitudes mencionam solidariedade, companheirismo, responsabilidade e respeito pelo outro, sem discriminação por características pessoais, físicas,



## **Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sexuais ou sociais. Aliás, essas atitudes correspondem diretamente às propostas apresentadas pelo PCN, conforme já mencionado.

Nesse sentido, a pesquisa realizada mostra que, em simultâneo, os professores conscientes da importância da Educação Física para as pessoas com deficiência, estão muito preocupados com a forma correta de agir nas diversas situações que enfrentam em suas vidas no dia a dia. Aliás, esta também é uma das maiores preocupações de Rodrigues (2003) ao relatar que o descompasso entre aparência e realidade em atitudes, formação e apoio dos professores de Educação Física é um grande desafio que se avizinha sobre nós, perceber a verdadeira inclusão na vida escolar. O referido autor também faz sugestões importantes que podem ajudar a Educação Física a se tornar realmente um fator de inclusão concreto.

Como sugestão introdutória, ela destaca que a educação motora proporcionada pela Educação Física é um direito de todos. Portanto, não deve ser uma opção pontual, enquanto nenhum aluno deve estar isento dela. Outra sugestão sugerida é que o futuro profissional precisa ser treinado para conhecer e aplicar conteúdos relacionados a quem ele deseja que seja como profissional. Por exemplo, se seu treinamento é focado na competição, como ele pode esperar que valorize a colaboração em sala de aula? Enfatiza também que o professor deve contar com suporte especializado, específico se necessário e capaz de analisar minuciosamente os problemas que possam surgir. Por fim, sinaliza que a educação física pode, de fato, ser uma área fundamental para a educação inclusiva e pode ser um fator de experimentação, inovação e melhoria da qualidade pedagógica nas escolas.

### **3. Considerações Finais**



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Infelizmente, ainda há um grande distanciamento entre a discussão teórica e a realidade prática como integração escolar. Já há algum tempo, muitos esforços têm sido feitos para realmente colocar esse processo em um contexto escolar. Entendemos, entretanto, que as barreiras enfrentadas pelos educadores são muito maiores do que as possibilidades existentes.

Entendemos que desta forma a educação inclusiva ainda fica aquém das expectativas quanto à qualidade do trabalho realizado. O professor ainda não está preparado. A escola não é adequada. A sociedade na totalidade não tem consciência de seu dever. É verdade que já se passaram vários anos, mas entendemos que as mesmas lacunas que existiram até agora ainda estão presentes.

Aliás, a educação física, como parte integrante do sistema educacional, também está imersa na mesma situação. Os professores desta disciplina, embora cientes da sua importância neste processo, também não se sentem devidamente preparados para lidar com alunos com deficiência, o que é uma realidade em grande parte das escolas. Por outro lado, sim, acreditamos que com muito esforço e dedicação a inclusão na escola pode acontecer.

Para isso, todos devem caminhar juntos, procurando alternativas que implementem tudo o que foi teoricamente descrito. A perseverança é fundamental nesse processo, pois a educação inclusiva ainda é um processo de aprendizagem e certamente ocorrerá de forma lenta e gradativa em nosso país.

O incentivo à integração de crianças e jovens na escola tem se tornado cada vez mais importante no cenário educacional. Ao analisar as competências sócios emocionais, como empatia, gentileza e consciência, descobrimos que elas vão contra o conceito de inclusão.

A educação inclusiva implica uma escola aberta a todos, um ambiente onde todos aprendem juntos, independentemente das suas dificuldades. Nesse contexto, todas as disciplinas, principalmente a educação física escolar, passam do processo de exclusão para a integração.



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Saber compartilhar uma quadra com jovens atletas de diferentes origens, credos, raças e habilidades físicas nas quais eles serão estimulados e exigidos da mesma forma proporciona uma experiência de aprendizado inestimável.

No contexto escolar, já estamos acompanhando a educação inclusiva da qual os alunos participam, sejam eles portadores de necessidades especiais ou não, e ela faz a mesma coisa.

A Educação Física é uma das melhores disciplinas para esse fim, pois através de atividades e jogos promove a interação de todos os alunos e dá às pessoas com deficiência a oportunidade de mostrar que também são capazes de evoluir juntas.

Para as pessoas com deficiência, a educação física tem dois aspectos principais: Educação Física adaptada e inclusiva. Os dois modos de ação dependem mais dos educadores do que dos alunos. Na educação física adaptativa, os alunos com deficiência realizam atividades físicas separadamente de seus colegas. Na educação física inclusiva, todos participam das mesmas atividades propostas.

A prática de ambas as modalidades (requer) um ambiente acessível que ofereça igualdade de oportunidades, seja socialmente inclusivo e valorize as diferenças, estimule o desenvolvimento de habilidades e valorize as capacidades sociais e emocionais. Para tanto, o professor planeja a aula de acordo com a situação específica de cada aluno.

Concluindo, acreditamos que o ponto de partida para a verdadeira inclusão é a conscientização de todos. É necessário, portanto, criar uma sociedade que não só aceite e valorize as diferenças individuais, mas, acima de tudo, aprenda a conviver com a diversidade humana por meio da compreensão e da cooperação.

### **Referências:**



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

AGUIAR, J.S; DUARTE, E. Educação inclusiva: um estudo na área da Educação Física. Disponível em < <http://www.scielo.com.br>. Acesso em 16 de outubro de 2020.

<https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/educacao-fisica/inclusao-na-educacao-fisica.htm>

<https://impulsiona.org.br/como-trabalhar-a-inclusao-na-educacao-fisica-escolar/>

RECHINELI, A. et al. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da Educação Física. Disponível em < <http://www.scielo.com.br>. Acesso em 17 de outubro de 2020.

RODRIGUES, D. A Educação Física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. Disponível em < <http://www.scielo.com.br>. Acesso em 06 de outubro de 2020.

**Recebido: 20/11/2020. Aceito: 20/5/2021.**

**Sobre o autor e contato:**

**Aroldo Lopes Góya** – Educador Físico, graduado pela Universidade da Região da Campanha -URCAMP – São Borja RS – Brasil, Pedagogo, graduado pela Faculdade Mantense dos Vales Gerais- INTERVALE – Mantena MG – Brasil, Especialista em Psicopedagogia e Educação Especial - Especialista em Orientação, Supervisão e Inspeção Escolar.

**E-mail:** aroldogoya@hotmail.com - E-mail: aroldo.goya@gmail.com